

DO SABER TRADICIONAL À PRÁTICA PROJETUAL CONTEMPORÂNEA:

A experiência colaborativa da Asociación Semillas na escola Jerusalén de Miñaro

Karla Rafaela S. Miranda

Universidade Federal de Alagoas | karlarafaellam.arq@gmail.com

Manuella Mariana C. R. de Andrade

Universidade Federal de Alagoas | manuella.andrade@fau.ufal.br

EIXO TEMÁTICO 5: Projeto, Tradição e Contemporaneidade

Resumo: A arquitetura vernacular é produzida de forma orgânica, a partir de saberes tradicionais e do uso de materiais locais adaptados ao ambiente, clima e cultura de cada lugar (Olivier, 2006, tradução nossa). Nesse contexto, a arquitetura desenvolvida por comunidades indígenas também se insere nessa lógica. A Asociación Semillas, organização peruana sem fins lucrativos, atua em territórios socialmente vulneráveis, especialmente indígenas, com o objetivo de contribuir para a melhoria da qualidade de vida dessas comunidades. Em dez anos de atuação, a Semillas executou treze projetos educacionais voltados aos povos originários da selva amazônica peruana. Com o intuito de compreender a transposição do conhecimento vernacular para a arquitetura contemporânea, o artigo analisa o processo participativo promovido pela associação, por meio da revisão de documentos, imagens e vídeos publicados. A discussão tem como foco o projeto da Escola Primária da comunidade Jerusalén de Miñaro, no distrito de Pagoa, que envolveu a reforma das edificações existentes e a construção de novas estruturas para a criação de um espaço democrático de formação. A análise do discurso escrito, imagético e do projeto considerou o envolvimento integral da comunidade nas etapas participativas. Por fim, a reflexão demonstra que a aproximação aos saberes locais e a participação comunitária fortalecem o sentimento de pertencimento e contribuem para a criação de uma nova espacialidade.

Palavras-chave: Arquitetura vernacular; Projeto colaborativo; Saberes tradicionais; Co-criação; Sustentabilidade socioambiental.

THE COLLABORATIVE EXPERIENCE OF ASOCIACIÓN SEMILLAS AT THE JERUSALÉN DE MIÑARO SCHOOL

Abstract: Vernacular architecture is produced organically, based on traditional knowledge and the use of local materials adapted to the environment, climate, and culture of each place (Olivier, 2006, our translation). In this context, the architecture developed by indigenous communities also falls within this logic. Asociación Semillas, a Peruvian non-profit organization, operates in socially vulnerable territories, especially indigenous ones, aiming to contribute to the improvement of the quality of life in these communities. In ten years of activity, Semillas has executed thirteen

educational projects aimed at the native peoples of the Peruvian Amazon rainforest. In order to understand the transposition of vernacular knowledge into contemporary architecture, this article analyzes the participatory process promoted by the association through a review of published documents, images, and videos. The discussion focuses on the Primary School project in the community of Jerusalén de Miñaro, in the Pango district, which involved the renovation of existing buildings and the construction of new structures to create a democratic educational space. The analysis of the written and visual discourse, as well as the architectural project, considered the full involvement of the community throughout the participatory stages. Finally, the reflection demonstrates that the proximity to local knowledge and community participation strengthens the sense of belonging and contributes to the creation of a new spatiality.

Keywords: Vernacular architecture; Collaborative design; Traditional knowledge; Co-creation; Socio-environmental sustainability.

LA EXPERIENCIA COLABORATIVA DE LA ASOCIACIÓN SEMILLAS EN LA ESCUELA JERUSALÉN DE MIÑARO

Resumen: La arquitectura vernácula se produce de forma orgánica, a partir de saberes tradicionales y del uso de materiales locales adaptados al ambiente, el clima y la cultura de cada lugar (Olivier, 2006, traducción propia). En este contexto, la arquitectura desarrollada por comunidades indígenas también se inserta en esa lógica. La Asociación Semillas, organización peruana sin fines de lucro, actúa en territorios socialmente vulnerables, especialmente indígenas, con el objetivo de contribuir a la mejora de la calidad de vida de estas comunidades. En diez años de actuación, Semillas ha ejecutado trece proyectos educativos dirigidos a los pueblos originarios de la selva amazónica peruana. Con el fin de comprender la transposición del conocimiento vernáculo a la arquitectura contemporánea, el artículo analiza el proceso participativo promovido por la asociación a través de la revisión de documentos, imágenes y videos publicados. La discusión se centra en el proyecto de la Escuela Primaria de la comunidad Jerusalén de Miñaro, en el distrito de Pango, que involucró la reforma de las edificaciones existentes y la construcción de nuevas estructuras para la creación de un espacio democrático de formación. El análisis del discurso escrito, imagético y del proyecto consideró el involucramiento integral de la comunidad en las etapas participativas. Por último, la reflexión demuestra que el acercamiento a los saberes locales y la participación comunitaria fortalecen el sentimiento de pertenencia y contribuyen a la creación de una nueva espacialidad.

Palabras clave: Arquitectura vernácula; Proyecto colaborativo; Saberes tradicionales; Co-creación; Sostenibilidad socioambiental.

1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre arquitetura vernacular consolida-se, a partir de meados do século XX, como um campo de interesse das ciências sociais e da teoria da arquitetura, ao abordar práticas construtivas vinculadas aos saberes tradicionais, à cultura local e a processos históricos cumulativos. Nesse contexto, o termo passa a dialogar com outras noções de arquitetura não erudita, especialmente a arquitetura popular, conforme sistematizado por Ney Caldato Barbosa (1999). Para Francisco Javier Morales (1993), a arquitetura vernacular é produzida em um local específico, sem excluir interferências externas, sendo resultado de um lento processo de acumulação de referências e soluções construtivas. Essa distinção é aprofundada por Francisco Roldán Morales (1992), ao associar a arquitetura vernacular ao lugar de origem e a arquitetura popular ao povo que a produz, enquanto Carlos Flores (1973) enfatiza seu caráter funcional, econômico, não especulativo e profundamente enraizado no território e na vida cotidiana.

A partir de uma abordagem antropológica, Amos Rapoport (1969) compreende a arquitetura vernacular como resultado de decisões coletivas acumuladas ao longo do tempo, destacando seu caráter aberto, agregativo e dinâmico, em oposição à rigidez formal da arquitetura erudita. Essa compreensão reforça a arquitetura vernacular como um fenômeno vivo, passível de transformações contínuas, no qual saberes e técnicas se sobrepõem e se adaptam às condições culturais, sociais e ambientais.

Paralelamente, o projeto colaborativo emerge com maior força a partir da década de 1960, quando se intensificam as críticas ao protagonismo exclusivo do arquiteto e se ampliam as experiências de processos projetuais compartilhados. Outro termo que se associa a esses processos é co-criação. Autores como Sanders e Stappers (2008) e Lee et al (2025) destacam que a co-criação é uma prática aplicada dentro de um processo colaborativo de projeto em que o arquiteto age como facilitador promovendo o envolvimento dos atores. Em outras palavras, o Projeto Colaborativo é o método e a Co-criação é uma das ferramentas para se obter esse resultado.

A cocriação está muito ligada ao campo do Design Thinking e sua aplicação nos processos projetuais colaborativos vem sendo ampliado no campo da arquitetura. Okrzesik e Fokaides (2025) argumentam que a Co-criação tem servido como ação conectora entre “diversos campos de pesquisa”, fortalecendo a relação de interdisciplinaridade na busca por soluções que extrapolam o caráter pontual ligado a uma etapa específica do projeto, elevando sua aplicação a todo o ciclo do processo construtivo. Nessa perspectiva, o presente artigo objetiva investigar a prática projetual da Asociación Semillas, tendo como objeto de estudo a Escola Jerusalém de Miñaro, a fim de discutir como as ações contemporâneas dialogam com os saberes tradicionais

conduzindo uma possível transculturação na elaboração e construção do projeto arquitetônico.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise da Escola Jerusalén de Miñaró baseia-se na adaptação das abordagens de estudo de caso PCP (Produto–Contexto–Processo) e ACCU-A (Arquiteto, Cliente, Empreiteiro e Usuários), com perguntas e categorias ajustadas à realidade do equipamento escolar e ao contexto rural indígena. Essa adaptação permite sistematizar as informações produzidas em cada etapa do processo projetual, considerando simultaneamente o objeto arquitetônico, o território e os agentes envolvidos, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 1: Tipologia de Estudos de Caso na Arquitetura segundo Foqué aplicados ao artigo

Tipo de Estudo	Natureza	Foco	Método
Tipo 1 (Case Study)	Análise projetual	Entender o processo projetual e sua relação com o contexto.	Análise de dados físicos, funcionais e observação interpretativa
Tipo 2 (Case Method)	Interpretação do discurso	Entender o processo e tomada de decisão e envolvimento dos stakeholders	Análise do discurso através da análise do papel dos atores envolvidos.
Tipo 3 (Case Project)	Compreensão da relação do resultado projetual com o envolvimento dos agentes envolvidos (stakeholders)	Interface e Síntese dos Tipos 1 e 2.	Cruzamento das informações obtidas na etapa 1 e 2

Fonte: elaborada pelas autoras.

O estudo de caso único visa melhor discussão sobre a questão anteposta e sua escolha foi condicionada à maior quantidade de dados encontrados sobre o projeto e sujeitos envolvidos. Direcionado à arquitetura, Foqué (2010) sistematiza a metodologia de estudo de casos por meio de três tipos. O Case Study concentra-se nos aspectos do projeto e sua relação com o contexto e processo, explanando sobre as questões ambientais, funcionais, tecnológicas, morfológicas, econômicas e decisórias (Andrade, 2018; Foque, 2010). O Case Method, foca nos aspectos heurísticos de interpretação do discurso dos atores envolvidos no projeto em questão, vislumbrando o perfil dos clientes, usuários, autoridades e arquitetos; e a contribuição, assim como a opinião e pontos de vistas, de cada participante (Andrade, 2018; Foque, 2010) E o Case Project é a junção do Case Study e do Case Method , que, segundo Foqué (2010), oferece um conhecimento mais amplo a respeito do projeto a ser analisado, permitindo a transformação de paradigmas contextuais em conhecimento arquitetônico.

A investigação do caso escolhido aproxima-se do Case Project (tipo 3), porém excetua de sua análise as questões legais, econômicas e financeiras por falta de informação, e o processo de tomada de decisão por não acompanhar em tempo real o desenvolvimento do projeto. As informações que tratam das etapas do projeto são fruto

da descrição da própria Asociación Semillas, o que permitiu compreender cada fase, sistematizadas em: identificação, diagnóstico rural participativo, oficinas de desenho participativo, desenvolvimento do projeto arquitetônico, construção participativa e, por fim, monitoramento.

A etapa de identificação é uma ação interna à associação, que consiste em pesquisa prévia para definição e escolha de tipologias projetuais possíveis de serem desenvolvidas pelo coletivo. Após essa definição, inicia-se a etapa de gestão e planejamento, denominado diagnóstico rural participativo (DRP), momento para conhecer e criar vínculos de confiança com os atores envolvidos no projeto, por meio da elaboração de um plano de ação comunitária, onde se mapeia os possíveis aliados e se elabora convênios e acordos cooperativos para o desenvolvimento do projeto.

As três etapas seguintes, oficinas de desenho participativo, o desenvolvimento do projeto arquitetônico e a construção participativa, são as mais significativas para o desenvolvimento deste artigo. É na oficina de desenho onde se “analisa e prioriza as necessidades e se explora o imaginário da comunidade” (Semillas, 2024); no desenvolvimento do projeto são consideradas “as normativas vigentes e a adaptação às condições geográficas, morfológicas, climáticas, culturais e sociais locais” (Semillas, 2024); e na etapa construtiva, figura a formação de uma aliança coordenada pelo mestre de obra para alçar serviços comunitários e capacitação da comunidade.

Diante do exposto, foram aplicados dois procedimentos ao estudo de caso tipo 3 da Escola Jerusalém: o primeiro incide na “observação interpretativa, que consiste em examinar cuidadosamente o projeto [e a obra edificada], juntamente as imagens fotográficas” (Andrade; Aquino, 2025) para compreender e caracterizar o caso, considerando as categorias supracitadas ao explicar o tipo 1; e o segundo utiliza da revisão e interpretação de fontes bibliográficas para o entendimento do atores envolvidos, assim como da análise do discurso para opinião e pontos de vistas, as quais foram alcançadas por vídeos e declarações existentes no youtube. O primeiro procedimento recai na etapa de desenvolvimento do projeto e o segundo procedimento nas etapas participativas de oficina de desenho e construção.

3. ASOCIACIÓN SEMILLAS E A ESCOLA JERUSALÉN DE MIÑARO

A Asociación Semillas para el Desarrollo Sostenible é uma associação peruana sem fins lucrativos, oficializada em 2014, mas idealizada por sua fundadora, Marta Maccaglia desde 2011, quando chega ao Peru e atua como voluntária da Comunità Promozione Sviluppo (CPS), Organização de voluntariado internacional de origem italiana, fundada em 1974, voltada à cooperação, à solidariedade e ao desenvolvimento integral humano.

Logo em seus primeiros trabalhos despertou para a importância e o impacto dos projetos escolares em comunidades nativas e esse passou a ser o maior escopo do seu trabalho nos anos seguintes. Desde 2014, a associação cresceu e consolidou parcerias importantes com ONGs internacionais, com o Ministério da Educação do Peru e com as autoridades municipais abrindo portas para que conseguissem atender cada vez mais comunidades vulneráveis.

O projeto da Nova Escola de Jerusalén de Miñaró insere-se no distrito de Pangoa, localizado na região da selva central amazônica peruana. A comunidade integra a área conhecida como VRAEM (Vale dos Rios Apurímac, Ene e Mantaro), território marcado por elevados índices de vulnerabilidade social e por processos históricos de violência, deslocamento forçado e desestruturação comunitária decorrentes do conflito armado interno ocorrido sobretudo nas décadas de 1980 e 1990. Nesse contexto, a infraestrutura educacional existente era precária, e funcionava a cerca de 40 anos, atendendo mais de 200 alunos sem oferecer condições mínimas de conforto. A construção da nova escola foi viabilizada por meio do financiamento e do apoio institucional de organizações sem fins lucrativos, entre elas a Costa Foundation, a Volcafe Specialty Peru (VSP) Generaciones e a Comunità Promozione e Sviluppo (CPS), em articulação com comunidades e municípios locais, configurando uma iniciativa voltada não apenas à melhoria das condições físicas do espaço escolar, mas também ao fortalecimento social, cultural e territorial da comunidade.

A comunidade nativa de Jerusalén de Miñaró integra o povo indígena Nomatsiguenga, um dos povos originários da selva central do Peru cuja identidade está profundamente vinculada à valorização de sua língua, cultura e relação com o território tradicionalmente ocupado entre os rios e vales da região de Junín. A população local, estimada em cerca de 730 habitantes, valoriza intensamente os vínculos familiares e comunitários, com práticas sociais centradas na cooperação e na vida coletiva, e mantém modos de subsistência e saberes tradicionais apesar das pressões e transformações decorrentes de processos históricos e contemporâneos.

O novo projeto propôs a reforma dos dois blocos existentes, dando a eles estrutura e condições de conforto para os usos alocados, e a construção de três blocos de sala de aula novos, além de espaços externos para a prática de esportes e a interação com a natureza como parte dos espaços de brincar, trazendo o bioma local para dentro da escola e não segregando-o fora dos ambientes construídos. O projeto total resultou em 1000 m² da nova construção e mais 269 m² remodelação das instalações antigas.

4. SABERES TRADICIONAIS, AÇÕES CONTEMPORÂNEAS

O projeto da escola da comunidade nativa de Jerusalém de Miñaró é fruto de um processo colaborativo que se inicia em 2016, com a identificação e o diagnóstico rural e se estende ao longo dos anos 2017, com o início da construção colaborativa, durando até 2019, quando a construção colaborativa se conclui e se inicia a etapa de acompanhamento e monitoramento.

A Asociación Semillas aponta que o projeto arquitetônico foi pautado nos apontamentos definidos em conjunto com a comunidade através da etapa de desenho participativo. Explicitando que nessa etapa a figura do arquiteto é aquela que traduz demandas em soluções espaciais, facilita decisões e adapta o projeto às condições geográficas, morfológicas, climáticas e sociais locais e não aquele que dita o processo. Essa afirmação é possível de ser verificada através da inserção dos novos blocos de edificação. Como mostra a figura abaixo, os novos blocos respeitam a configuração morfológica dos blocos anteriores buscando uma integração com os que já existiam e não uma relação de contraposição. Pode-se notar que tanto o formato retangular das edificações, quanto a forma triangular do telhado são mantidos no redesenho dos blocos existentes e na criação dos novos.

Figura 1: antes e depois das edificações da escola Jerusalém de Miñaró



Antes e depois da construção da Escola Jerusalém de Miñaró

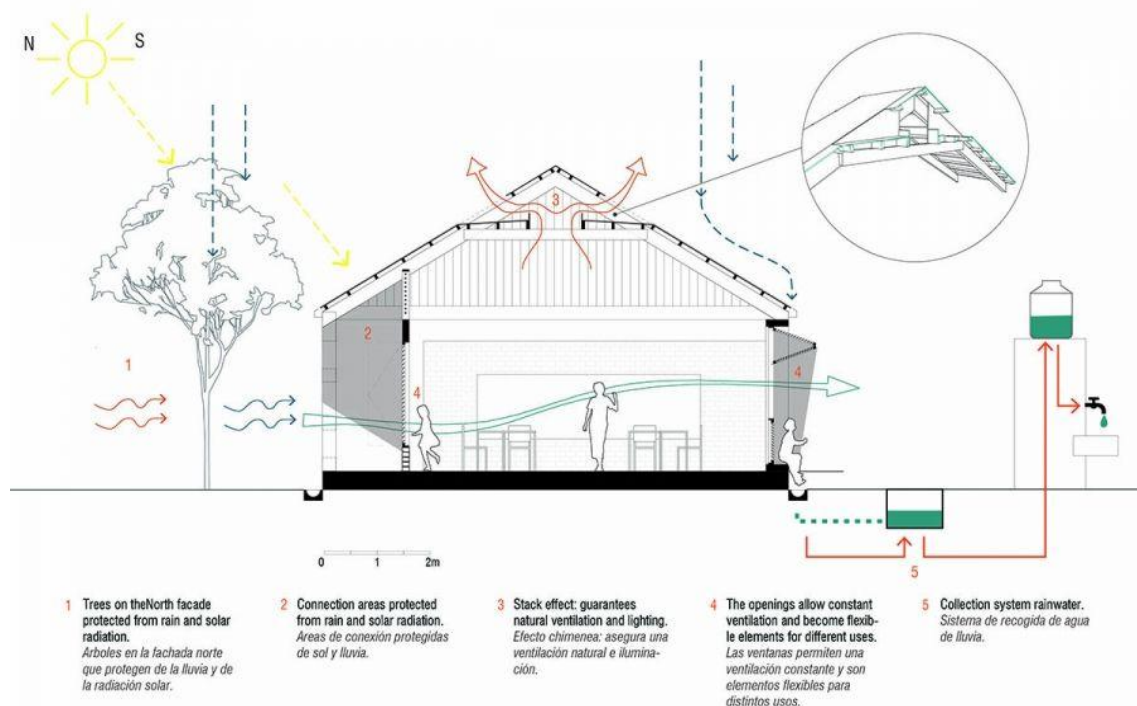
Fonte: Asociación Semillas para el Desarrollo Sostenible; Editado pelas autoras.

Outro aspecto possível de identificar através das imagens e dos vídeos, é que apesar do emprego de suportes e sustentações metálicas em alguns trechos do telhado, a composição morfológica é similar à primeira. Observa-se que os acréscimos de elementos não pertencentes, até então, às construções locais, como é o caso das travas e parafusos metálicos que implementaram a estrutura das cobertas, não são simples acréscimos alegóricos e sim servem à um propósito estrutural significativo.

Através do material publicizado pelo Semillas é possível constatar, a partir do depoimento da comunidade e da equipe, que o material empregado na construção da nova escola, principalmente a madeira, é oriundo de bosques da região próxima, pertencentes ao mesmo distrito e com extração certificada, assim como a alvenaria utilizada para a construção das vedações das edificações. Esse aspecto reforça o argumento de responsabilidade ambiental e sustentabilidade posto por Marta, arquiteta fundadora do Semillas, como um dos pilares das intervenções realizadas pela organização.

Nesse mesmo sentido, as questões climáticas e ambientais foram incorporadas ao projeto por meio de soluções bioclimáticas de sistemas passivos, como o controle da absorção energia solar através do posicionamento correto das edificações, o uso de ventilação cruzada, o aproveitamento do efeito chaminé para a liberação de ar quente do interior das edificações e o aproveitamento de iluminação indireta tanto através das aberturas quanto através da composição de cheios e vazios dos elementos de fachada. O projeto também conta com um sistema de coleta de água da chuva no telhado, que armazena a água em tanques elevados para uso posterior. Além disso, as árvores e a vegetação existentes foram integradas ao desenho arquitetônico.

Figura 2: Corte esquemático - soluções bioclimáticas



Esquema gráfico da aplicação de soluções bioclimáticas passivas utilizadas no projeto
Fonte: Asociación Semillas para el Desarrollo Sostenible.

Paralelamente às estratégias ambientais e construtivas, a versatilidade de usos dos ambientes e a possibilidade de integração entre os espaços internos e o exterior das edificações constituíram outro ponto-chave no desenvolvimento do projeto. Esse aspecto pode ser identificado como importante desde as oficinas de desenho e co-criação, que possibilitaram um maior entendimento de como a comunidade se apropria dos espaços e de como essa configuração poderia favorecer as práticas comunitárias locais.

A análise realizada aponta que o desenho participativo, enquanto ferramenta metodológica, não se apresentou como um momento isolado, mas como uma aplicação contínua que atravessou todo o processo projetual, iniciando-se no diagnóstico das necessidades da comunidade e estendendo-se até a definição dos espaços da escola. Através dos registros é possível acompanhar parte de como essa etapa se desenvolveu. Nos momentos iniciais foram conduzidas oficinas com alunos, professores e pais, com o objetivo de mapear as necessidades reais da comunidade e identificar de que forma cada grupo vivia e projetava seus desejos em relação à escola. Esses encontros promoveram a discussão sobre dinâmicas culturais, usos pretendidos e expectativas para os espaços educativos, materializadas por meio da construção de painéis e maquetes esquemáticas simples, nas quais a comunicação, a articulação e a relação entre os ambientes foram discutidas e definidas coletivamente, com a participação de todos os agentes envolvidos.

Figura 3: Registros das oficinas participativas



Registros fotográficos de um dos Talleres/Oficinas de desenho participativo realizadas no processo
Fonte: Asociación Semillas para el Desarrollo Sostenible; editado pelas autoras.

A forma de brincar das crianças, por exemplo, influenciou diretamente a organização espacial das circulações, que foram modeladas para permitir um uso livre e espontâneo, deixando a cargo da imaginação infantil a maneira de apropriação desses espaços. As próprias estruturas assumem múltiplas funções, servindo como paredes de escalada, enquanto as vedações permeáveis ampliam a flexibilidade e a integração entre os ambientes.

Essa lógica participativa se estendeu também à etapa de execução da obra, que foi marcada pela força do trabalho cooperativo. A equipe de obra integrou profissionais do Semillas, entre técnicos, arquitetos, engenheiros e voluntários, além de mestres de obras e pedreiros, juntamente com membros da própria comunidade que já possuíam algum conhecimento construtivo ou demonstraram interesse em aprender um novo ofício. Os líderes comunitários, pais de alunos e construtores locais se envolveram diretamente na construção das edificações, mas o restante da comunidade, mulheres, crianças e demais moradores, também tiveram participação ativa no processo participativo como um todo. Muitas mulheres preparavam comida para os trabalhadores da obra, davam suporte em etapas de coleta de materiais e beneficiamento, como os bambus do parque existente no projeto, e até mesmo as crianças participavam na etapa de montagem do parque.

Figura 4: Registros do processo de construção participativa



Registro da construção participativa da Escola Jerusalém de Miñaro
Fonte: Asociación Semillas para el Desarrollo Sostenible; editado pelas autoras.

4.1 ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO PROJETUAL - PROJECT CASE

Na prática da Associação Semillas, a co-criação constitui uma ferramenta fundamental do processo projetual, na qual a comunidade e a equipe multidisciplinar do Semillas produziram conjuntamente as diretrizes espaciais do projeto. A ação colaborativa que estrutura o processo como um todo, estendendo a participação comunitária às fases construtivas e à apropriação do espaço. Essa articulação entre co-criação e colaboração permite compreender o projeto não como um objeto fechado, mas como um processo aberto, no qual as decisões espaciais são construídas de forma progressiva e compartilhada. Nesse sentido, o papel do arquiteto não se limita à autoria formal, mas assume uma função mediadora, responsável por incorporar os saberes tradicionais, as práticas cotidianas e as expectativas da comunidade em soluções arquitetônicas tecnicamente viáveis e culturalmente coerentes.

Os saberes tradicionais locais foram incorporados desde a escolha de materiais disponíveis no território até a forma como a comunidade utiliza o equipamento e influencia a configuração morfológica das edificações. Dessa forma, a arquitetura não impõe uma forma de uso, mas reconhece e potencializa as práticas já existentes.

O projeto evidencia que o saber tradicional está presente não apenas na natureza dos materiais empregados, na mão de obra local ou na incorporação de técnicas

construtivas nativas, mas também no reconhecimento da cultura local como produtora de espaço. Ao admitir o brincar, o uso coletivo e a relação direta com o ambiente natural como elementos que estruturam o desenho arquitetônico, o projeto demonstra que uma prática arquitetônica contemporânea pode dialogar com as tradições locais integrando-as de maneira concreta ao processo projetual.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos projetos desenvolvidos pela Asociación Semillas, a articulação entre arquitetura vernacular e projeto colaborativo manifesta-se na valorização dos saberes locais, no uso de recursos disponíveis no território e na atuação conjunta entre arquitetos, comunidade e demais agentes envolvidos. Essa postura encontra fundamento nas contribuições de Orlando Fals Borda (1988), ao defender que o conhecimento deve ser construído com as comunidades como parte de um processo coletivo de transformação social, consolidando a arquitetura como ferramenta de desenvolvimento local.

Sob essa perspectiva, o projeto da Escola Jerusalém de Miñaro evidencia que a prática arquitetônica contemporânea não precisa se opor às tradições locais para responder às demandas atuais. Ao contrário, o caso analisado demonstra que o diálogo entre saber técnico e saber tradicional pode gerar soluções arquitetônicas inovadoras, enraizadas na cultura local e ambientalmente responsáveis. A contemporaneidade do projeto não se expressa pela negação do contexto, mas pela capacidade de reinterpretar criticamente a partir das necessidades reais da comunidade.

Montalvo (2024), afirma que a Nova Escola na Comunidade Nativa de Jerusalén de Miñaro apresenta-se como um modelo de integração entre arquitetura e contexto social, evidenciando que práticas arquitetônicas contemporâneas podem, e devem, reconhecer as tradições locais como parte ativa do processo projetual.

Paulo Freire afirma que o ambiente educativo participa ativamente do processo de formação humana. Para o autor, “os espaços educativos, quando construídos de forma dialógica, tornam-se agentes do desenvolvimento humano” (Freire, 1996). Nesse sentido, pode-se dizer que escola analisada ultrapassa a função de abrigo físico para atividades pedagógicas, se configurando como um espaço de convivência, aprendizagem coletiva e fortalecimento dos vínculos comunitários.

Portanto, conclui-se que o resultado do processo projetual da Escola Jerusalém de Miñaro não se limitou ao edifício construído, mas se estende ao fortalecimento do capital social local, à apropriação do espaço pela comunidade e à produção coletiva do ambiente escolar como infraestrutura educativa e comunitária. A construção colaborativa, associada às ferramentas de co-criação, contribuíram para a consolidação

de um sentimento de pertencimento e corresponsabilidade que se reflete na forma como o espaço é utilizado e preservado.

REFERÊNCIAS

OKRZESIK, Magdalena; FOKAIDES, Paris A. Overview of the Use of Co-creation Tools for the Design of Sustainable Buildings, In: **JURELIONIS**, Andrius - et al -Building Digital Twins Proceedings of BDTIC 2025 , Suíça: Springer 2025, pág 134 á 141.

BARBOSA, Ney Caldato. Arquitetura vernácula latino-americana: litoral da região do Cone Sul. 1999. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) – **Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.** DOI: 10.11606/D.16.1999.tde-12092024-121213.

MONTALVO, Elizabeth Patricia. Propuesta de un centro de interpretación ambiental aplicando criterios de arquitectura bioclimática en la Loma de Amancaes, distrito del Rímac. Tese (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – **Facultad de Arquitectura y Diseño, Universidad Privada del Norte, Lima, 2024.** Disponível em: repositório institucional da Universidad Privada del Norte

MACCAGLIA, Marta. La arquitectura como medio de empoderamiento cívico. In: Revista ENSAYO - Arquitectura PUCP, Lima, n. 3, p. 83-96, 2023. ISSN 2710-9726

ASSOCIAÇÃO SEMILLAS PARA EL DESARROLLO SOSTENIBLE. Asociación Semillas Perú, arquitectura sostenible y cooperativa. **ARQA**, 2 jun. 2021. Disponível em: ARQA – Asociación Semillas Perú, arquitectura sostenible y cooperativa.

TEIXEIRA, Claudia Mudado. Considerações sobre a arquitetura vernácula. **Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, Belo Horizonte**, v. 15, n. 17, p. 28–45, 2º semestre 2008.

Olivier, Paul. Built to Meet Needs: Cultural Issues in Vernacular Architecture. **Oxford: Architectural Press**, 2006

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. **Aula inaugural no Collège de France, pronunciada** em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Edmundo Cordeiro, com colaboração de António Bento. São Paulo: Edições Loyola, 1996.